edição on-line
TEXTOS & DEBATES
Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF) e do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

O WhatsApp como infraestrutura afetiva entre mulheres brasileiras em Portugal1

WhatsApp as an affective infrastructure among brazilian women in Portugal

Maria Cristina Dadalto
ORCID: 0000-0002-7925-3929
Doutora em Ciências Sociais. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora dos Laboratórios do Movimento Migratório e de Identidades e Tecnologias. Pesquisadora Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo.
Lattes: **https://lattes.cnpq.br/1720560349495010**
E-mail: maria.dadalto@ufes.br

Adélia Verônica da Silva
ORCID: 0000-0003-4081-2575
Doutora em Geografia Humana. Pesquisadora bolsista da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e investigadora integrada do Laboratório Associado TERRA/CEG, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), Universidade de Lisboa.
Lattes: **http://lattes.cnpq.br/0802908801856324**
Email:adeliasilva@edu.ulisboa.pt

[1]Pesquisa realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito dos projetos 447122/2024-0 e 442221/2023-1, e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT), através da Unidade de Investigação UID/00295/2025.

Resumo: Este artigo analisa o grupo de WhatsApp Mãe Imigrante, vinculado à Plataforma Geni, como uma infraestrutura afetiva transnacional, por meio da qual mulheres brasileiras residentes em Portugal constroem apoio mútuo, pertencimento e mediações culturais no cotidiano da maternidade migrante. A partir de uma abordagem teórico-metodológica que articula etnografia digital e artesanal com entrevistas em profundidade, argumenta-se que o grupo opera como um "lugar" de negociação de práticas, referências e sentidos da maternidade em contexto migratório, constituindo-se como uma rede cotidiana de suporte emocional, circulação de saberes e sociabilidade. Conclui-se que, nesse espaço digital, a maternidade é atravessada por formas específicas de cuidado, afeto e orientação; a cultura emerge nas pequenas práticas do dia a dia; e se produz uma forma de transnacionalismo vivido situada entre Brasil e Portugal.
Palavras-chave: Maternidade de Brasileiras Migrantes; WhatsApp; Transnacionalismo.

WhatsApp as an affective infrastructure among Brazilian women in Portugal

Abstract: This article analyses the 'Mãe Imigrante' WhatsApp group, linked to the Geni Platform, as a transnational affective infrastructure through which Brazilian women living in Portugal build mutual support, a sense of belonging and cultural mediations within the everyday realities of migrant motherhood. Drawing on a theoretical and methodological approach that combines digital and artisanal ethnography with in-depth interviews, it is argued that the group functions as a 'space' for negotiating practices, references and meanings of motherhood in a migratory context, constituting itself as an everyday network of emotional support, knowledge exchange and social interaction. It is concluded that, within this digital space, motherhood is permeated by specific forms of care, affection and guidance; culture emerges in the small practices of daily life; and a form of lived transnationalism is produced, situated between Brazil and Portugal.
Keywords: Motherhood of Brazilian Migrant Women; WhatsApp; Transnationalism.

1.Introdução

Nas últimas décadas, a imigração brasileira para Portugal intensificou-se de forma expressiva, configurando um dos fluxos migratórios mais significativos do país. Nesse contexto, observa-se uma crescente feminização desse movimento, que evidencia experiências específicas das mulheres migrantes (Oliveira, 2020).

Entre essas experiências, a maternidade ocupa lugar central. Para mulheres que migram com filhos ou se tornam mães no país de destino, a mobilidade implica não apenas atravessar fronteiras, mas

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

reorganizar profundamente redes de cuidado, pertencimento e sociabilidade, muitas vezes sem suporte familiar ou institucional. A maternidade configura-se, assim, como experiência atravessada por tensões entre vulnerabilidade e agência, na qual o cuidado é continuamente reinventado (Kofman, 2014).

Diante desse cenário, as tecnologias digitais, em especial os grupos de mensageria, assumem papel central na organização da vida cotidiana. Mais do que ferramentas de comunicação, esses espaços funcionam como infraestruturas afetivas de cuidado transnacional, sustentando práticas de escuta, acolhimento, orientação e solidariedade entre mulheres que vivenciam a maternidade longe de suas redes de origem. Como sugere Ahmed (2004), as emoções operam como forças que alinham indivíduos e comunidades, produzindo circuitos de sentido que conectam o corpo ao social.

É nesse contexto que se insere o grupo de WhatsApp Mãe Imigrante (WMI), vinculado ao coletivo Plataforma Geni e objeto deste artigo. Para analisar suas dinâmicas, mobilizamos a noção de "transnacionalismo vivido" (Basch et al., 1994; Brah, 2011), entendida como o conjunto de práticas rotineiras, afetivas e relacionais por meio das quais migrantes mantêm vínculos com o país de origem. Essas práticas manifestam-se no cotidiano por meio de videochamadas, circulação de objetos, consumo cultural e partilha de saberes, configurando formas ordinárias de transnacionalismo (Assis e Siqueira, 2021). Como demonstrado em estudos anteriores sobre migrantes brasileiros em Portugal, especialmente em contextos de crise e incerteza, os vínculos transnacionais constituem recursos fundamentais para enfrentar vulnerabilidades, sustentar projetos de vida e produzir sentidos de pertença (SILVA et al, 2024).

Partindo desse enquadramento, argumentamos que o grupo WMI constitui um espaço relacional central na experiência da maternidade migrante, articulando cuidado, sociabilidade e pertencimento em escala transnacional. Metodologicamente, o estudo combina etnografia digital e presencial realizadas entre 2025 e 2026. O texto organiza- se em três eixos analíticos: (i) a maternidade em contexto migratório; (ii) as práticas cotidianas de apoio mútuo e sociabilidade; e (iii) a produção de cultura e pertencimento no âmbito do transnacionalismo vivido entre Brasil e Portugal.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1.1. Contexto e Caracterização do Grupo Mãe Imigrante

Dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA, 2024) indicam que, do total de 1.543.697 estrangeiros residentes, 31,39% (484.596) são brasileiros, sendo mais de 50% (247.013) do sexo feminino. Esses números não incluem brasileiros com dupla cidadania. Entre 2023 e 2024, o crescimento de brasileiros estabelecidos no país foi de 31,5%, demonstrando a intensidade dessa mobilidade.

É nesse contexto que se insere o grupo WMI, criado em 28 de setembro de 2023 a partir de convite dirigido a mães brasileiras via Instagram. O grupo integra a Comunidade Plataforma Geni, iniciativa feminista, antirracista e antifascista que articula redes de apoio e mobilização entre mulheres imigrantes. Seu descritivo apresenta-o como espaço seguro para "dúvidas, dicas, desabafos e questões sobre maternidade real", com regras de confidencialidade e convivência.

Atualmente, o grupo conta com 175 participantes e se caracteriza por uma dinâmica aberta de participação, sem restrições quanto à frequência de interação. A moderação é feita por Duda,[2] mãe de duas crianças, convidada por uma das criadoras da Plataforma Geni diante da crescente demanda por discussões sobre maternidade. Segundo Duda, a moderação não funciona como controle, mas como mediação e sustentação das interações.

As temáticas discutidas variam conforme o período de maternagem das participantes e o contexto social. Nos primeiros meses do grupo, predominavam questões sobre creche, escola e violência doméstica. Posteriormente, gravidez e acesso à saúde ganharam centralidade. Mais recentemente, destacam-se discussões sobre amamentação, sono e alimentação infantil. Essa variação evidencia a sensibilidade do grupo às transformações nas trajetórias das participantes, funcionando como um espaço dinâmico de escuta e resposta às demandas situadas da maternagem em mobilidade.

2. Abordagem Metodológica

A pesquisa adota uma perspectiva multimetodológica (POSTILL e PINK, 2012), articulando etnografia digital, observação participante e entrevistas em profundidade (Figura 2). Essa abordagem permite apreender, de forma relacional, as dinâmicas comunicacionais do grupo e as experiências

[2] Nome fictício, assim todos os demais citados.

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

vividas pelas mães, em consonância com a proposta de compreender o WhatsApp como uma infraestrutura afetiva em contexto migratório.

A observação participante foi realizada de forma contínua, acompanhando o grupo desde sua criação até março de 2026. O trabalho de campo incluiu o ambiente digital e os eventos presenciais promovidos, permitindo observar a articulação entre práticas *online* e *offline* e suas implicações na produção de sociabilidade e pertencimento. A análise das interações considera categorias recorrentes, estratégias discursivas e padrões de participação, incluindo também silêncios e ausências.

Foram realizadas oito entrevistas em profundidade com participantes do grupo, selecionadas por conveniência, buscando diversidade de perfis e níveis de participação. O objetivo não é produzir generalizações estatísticas, mas aprofundar a compreensão de dinâmicas situadas. As entrevistas ocorreram entre abril de 2025 e março de 2026, tanto por videoconferência quanto em encontros presenciais.

As pesquisadoras, como membros do grupo, assumem uma posição de observadoras participantes. Todas as entrevistadas autorizaram o uso de seus relatos mediante consentimento informado, sendo assegurado o anonimato por meio da utilização de nomes fictícios. As interações no grupo foram analisadas em conformidade com princípios éticos de pesquisa em ambientes digitais, com a devida anonimização dos conteúdos.

No recorte específico deste artigo, a etnografia digital prioriza interações relacionadas à gravidez, amamentação, sono e alimentação infantil, dada a centralidade desses temas nas interações do grupo. As entrevistas, por sua vez, abordam questões como, trajetórias migratórias, experiências da maternidade em Portugal, usos do grupo e percepções sobre apoio, conflitos e pertencimento.

Partimos do pressuposto de que o WMI não se reduz a uma ferramenta tecnológica, mas se configura como um “lugar social” (POSTILL, 2010 e PINK et al., 2016), dotado de legitimidade e dinamismo próprios. Compreendemos esse espaço como parte de um ambiente *onlife* (FLORIDI, 2015), no qual as fronteiras entre online e offline se tornam difusas. Nesse sentido, o grupo constitui um "lugar etnográfico" (PINK, 2009), entendido como um conjunto de relações emergentes entre práticas, temporalidades, sociabilidades e materialidades.

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

2.1 Perfil das Participantes

Com o objetivo de traçar o perfil das participantes, foi aplicado, em 2025, um questionário semiestruturado via Google Forms. Das 125 integrantes à época, 20 responderam. Ainda que a amostra não permita generalizações estatísticas, os dados indicam predominância de mulheres entre 36 e 45 anos (55%), seguidas por participantes entre 26 e 35 anos (25%) e acima de 46 anos (15%). A maioria reside na área metropolitana Lisboa, percentual que atinja cerca de 60% das respondentes.

Destaca-se o elevado nível de escolaridade: 50% possuem ensino superior completo e 35% pós-graduação. A maioria migrou para Portugal entre 2011 e 2019, com concentração no ano de 2019. Para 85% das respondentes, a principal motivação da migração foi a busca por melhoria da qualidade de vida, seguida por trabalho e estudos. Contudo, tanto os limites da amostra quanto a observação de campo indicam que o grupo não constitui um perfil homogêneo, refletindo, de forma situada, a heterogeneidade que caracteriza a migração brasileira contemporânea (MALHEIROS, 2007, SILVA 2019a)

Como argumenta Brah (2011), é fundamental considerar a posicionalidade das mulheres migrantes, cujas trajetórias são atravessadas por diferenças de classe, raça, gênero, sexualidade, idade e experiências migratórias. Nesse sentido, embora o grupo opere como espaço de apoio, ele também é atravessado por tensões, assimetrias e desigualdades que estruturam as interações de suas participantes.

3. O Grupo como Espaço Relacional e Infraestrutura de Cuidado Transnacional

Longe de se restringir a deslocamentos físicos ou a fluxos econômicos, o transnacionalismo se produz no cotidiano, por meio de práticas ordinárias que articulam cuidado, pertencimento e sociabilidade em múltiplas escalas. É nesse registro que situamos o grupo WMI, compreendendo-o como um espaço relacional que não apenas abriga essas práticas, mas as sustenta, configurando-se como uma infraestrutura afetiva transnacional.

Em diálogo com Basch et al. (1994), argumentamos que essas mulheres mantêm relações socioculturais e econômicas que conectam simultaneamente diferentes contextos, envolvendo parentes e amigos que permaneceram no Brasil ou que se encontram em outros países. Essas dinâmicas se materializam na circulação de objetos, como medicamentos vendidos livremente no

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Brasil, no envio de remessas, na participação em eventos culturais e na mediação digital de saberes e serviços.

No grupo circulam indicações de produtos, recomendações de profissionais e referências a perfis de médicos, nutricionistas e outros especialistas que atuam no Brasil (Figura 1). Essa circulação de saberes transnacionais sinaliza como o grupo funciona em interação entre os dois contextos, possibilitando que o cuidado com a saúde seja negociado a partir de referências culturais e profissionais do Brasil, ainda que a vivência seja em Portugal.

Figura 1: Sugestão de IA para orientação nutricional para as mães

Fonte: Mensagem do Grupo WhatsApp Mãe Imigrante

É nesse mesmo plano das práticas cotidianas que a dimensão cultural se torna visível, sendo produzida nas interações cotidianas, por meio das quais se constroem formas de pertencimento e reconhecimento (SILVA, 2019a). Nesse sentido, manifesta-se na partilha de receitas, na indicação de médicos, nos desabafos sobre a burocracia e no sotaque que se recusa a apagar. Como aponta Beta, mãe de duas filhas: *"quando a gente está nesse grupo, a gente consegue ser o que somos: vestir sem julgamento, falar sem julgamento"*. Seu relato evidencia como a experiência migratória reconfigura formas de pertencimento.

Essas práticas operam como elementos constitutivos da própria infraestrutura afetiva transnacional. Elas sustentam vínculos, produzem reconhecimento mútuo e possibilitam a circulação de afetos e saberes no cotidiano (BALDASSAR e MERLA, 2013). No grupo WMI, esses vínculos se produzem por meio de uma simultaneidade de fluxos comunicacionais que atravessam os espaços domésticos, laborais e urbanos, conferindo sentido às interações ali realizadas.

Argumentamos, assim, que a agência[3] dessas mulheres se configura de forma relacional, produzindo-se e atualizando-se nas práticas comunicacionais partilhadas no grupo. Tais práticas adquirem uma

[3] Compreendemos a agência como um processo de engajamento social temporalmente incorporado, orientado simultaneamente pelo passado, pelo presente e pelo futuro, envolvendo hábitos, avaliação de contingências e projeção de possibilidades (EMIRBAYER e MISCHE, 1998).

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

dimensão política ao constituírem espaços de apoio mútuo, de circulação de saberes e de afirmação de subjetividades frequentemente invisibilizadas nos lugares de chegada (AHMED, 2004, 2010).

Entretanto, essa dinâmica se desdobra em práticas concretas de sociabilidade e cooperação, evidenciando a continuidade entre o *online* e o *offline*. Os leilões realizados durante um piquenique em um parque da Grande Lisboa (Figura 2), por exemplo, materializam essas formas de ação coletiva, ao mobilizarem redes de solidariedade e participação voltadas à manutenção da coesão do grupo.

Figura 2: Piquenique no Parque da Cidade.

Fonte: Arquivo Pessoal

Ainda que essas dinâmicas sugiram um forte sentido de coesão, a participação no grupo não se distribui de forma homogênea. As interações tendem a se concentrar em um conjunto mais ativo de participantes, enquanto outras permanecem em posição mais periférica ou silenciosa. Essa assimetria de participação não diminui a importância do grupo para as participantes menos ativas, mas indica que a infraestrutura afetiva de cuidado é sustentada de forma desigual entre as integrantes.

4. A Maternidade em Contexto Migratório

A maternidade em contexto migratório é atravessada por uma dupla vulnerabilidade. De um lado, aquela inerente à própria experiência da maternidade, marcada por demandas físicas, emocionais e de cuidado. De outro, aquela produzida pela mobilidade, que implica o afastamento das redes familiares e a necessidade de inserção em sistemas de saúde, burocracias e códigos culturais frequentemente desconhecidos.

Sousa et al. (2026) apontam que a migração intensifica sentimentos de isolamento e solidão, sobretudo no período do parto e especialmente para mulheres oriundas de países em que a maternidade é tradicionalmente vivida com suporte familiar e comunitário. O que ocorre no Brasil, em geral. A migração, nesse contexto, representa uma ruptura nas formas coletivas de cuidado, impondo a necessidade de reorganização dessas redes.

Em Portugal, essas dinâmicas são agravadas pela falta de clareza no acesso à informação sobre direitos e serviços institucionais, frequentemente percebida pelas interlocutoras como desigual e

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

pouco acessível. Como afirma Cris: *"você sabe, informação não chega, a informação ela é diferente, fica todo mundo perdido, e informação é poder. Nem os portugueses conhecem bem os seus direitos"*. Sua fala mostra que a falta de clareza não é exclusiva da condição migrante, mas é por ela intensificada, afetando particularmente mulheres que não dispõem de redes informais de orientação.

Os grupos de WhatsApp emergem como dispositivos coletivos de orientação e suporte. Em diálogo com Calvo et al. (2023), que identificam a construção de confiança em grupos digitais de mulheres migrantes, observamos que, no caso do WMI, constitui-se um circuito afetivo de trocas de informação que reconfigura, no ambiente digital, formas de cuidado historicamente ancoradas na proximidade familiar.

É no entrelaçamento entre as exigências do cuidado e a experiência da vulnerabilidade emocional que o grupo se configura como uma infraestrutura afetiva e informacional. Mais do que um espaço de circulação de informações, ele opera como um campo relacional no qual práticas de acolhimento, escuta e reconhecimento são continuamente tecidas, respondendo de forma situada às demandas da maternidade em contexto migratório.

A trajetória de Lalá ilustra de forma elucidativa esse processo. Ao engravidar em Portugal, sem rede familiar de apoio, ela descreve um sentimento inicial de desorientação e desamparo. Lalá sustenta que *"não sabia nem por onde começar"*. Sua entrada no grupo é motivada tanto por necessidades práticas quanto por uma busca por reconhecimento e orientação. Com o tempo, sua posição se transforma: de quem busca ajuda, passa a contribuir ativamente, respondendo a dúvidas de outras mães e partilhando sua própria experiência.

As interações no WMI indicam que o suporte oferecido é profundamente afetivo. Dúvidas sobre amamentação, sono e alimentação infantil são atravessadas por sentimento de culpa, exaustão e insegurança. Mensagem de Lalá expressa esse sentimento ao descrever o desgaste emocional associado ao cuidado noturno:

> Por aqui acho que será difícil eu conseguir passar do primeiro ano amamentando. Está sendo tão desgastante, com a questão do sono da minha filha que eu não consigo resolver, a constante culpa de achar que ela pode não estar se alimentando o suficiente, de achar que tenho pouco leite, ela ficar grudada ao peito de madrugada... É tanta coisa e tenho zero energia para entender/resolver. (Lalá, mensagem publicada no grupo)

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Em resposta, outras mães partilham experiências, relativizam expectativas e produzem coletivamente sentidos sobre o que significa "cuidar", como no relato de Duda:

> João aqui começou a dormir a noite toda antes do desmame (…), já Gabriel seguiu acordando, mesmo após o desmame. A partir dos dois anos eles começaram a dormir algumas noites completas, lá pelos 3 já dormiam praticamente todas as noites sem acordar. Foi um processo deles, não teve muita relação com o desmame. Desde sempre me perguntavam se dormiam a noite toda, né? Tipo, tias, amigas, pessoas conhecidas etc. em algum momento eu comecei a reparar que a percepção de "dorme a noite toda" é bem subjetiva. Vcs já ouviram algo parecido? (Duda, mensagem publicada no grupo)

Essa dinâmica revela que a busca pelo grupo não se limita à resolução de problemas, mas envolve a necessidade de reconhecimento e pertencimento. Como sintetiza Lalá, o grupo funciona *"como aquela amiga no Brasil"* a quem ela recorria em momentos de dúvida indicando que a rede digital produz formas de proximidade mediada que sustentam relações de cuidado à distância.

O grupo constitui, assim, um espaço de produção de presença e intimidade, no qual a ausência física não implica necessariamente perda de reciprocidade. Trata-se de uma ressignificação das relações de proximidade, mediada por tecnologias que reorganizam os afetos no tempo e no espaço. É a partir dessa lógica que Duda articula com clareza a proposta do espaço que ajudou a criar:

> O principal foco é ser espaço de acolhimento, de troca, tanto para suprir a solidão que muitas mulheres estavam sentindo... Quando uma mulher vira mãe, ela em geral, ou tem amigos que não são mães e aí não conseguem ter a mesma urgência que ela para ajudar, ou ela tem mães que já passaram daquela fase, já têm outras questões de vida, às vezes não querem nem lembrar daquela fase. (Duda, trecho da entrevista)

A atuação de Duda como moderadora esclarece ainda outra dimensão dessa infraestrutura: o trabalho do cuidado. Sua atuação ultrapassa a gestão técnica do grupo, configurando-se como uma prática contínua de acolhimento, orientação e mediação, realizada de forma não remunerada. Trata-se de um trabalho relacional que sustenta o funcionamento do grupo e que se inscreve em uma lógica de reciprocidade entre mulheres que compartilham experiências similares.

Nessa direção, o cuidado circula como prática coletiva, produzindo uma economia afetiva baseada na troca, no reconhecimento e na copresença. É nessa dinâmica que o WMI se constitui como um tecido social que sustenta a experiência da maternidade em mobilidade, particularmente no interior da migração brasileira em Portugal. Contudo, o cuidado ali produzido não é igualmente distribuído.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Algumas participantes assumem, de forma mais recorrente, o papel de responder, orientar e sustentar as interações, o que indica a presença de assimetrias na circulação das trocas.

5. Apoio e Sociabilidade Cotidiana

Estudos indicam que, para mulheres mães imigrantes, as redes de apoio entre pares desempenham um papel fundamental na superação das dificuldades enfrentadas no país de chegada (FARIA e PORTUGAL, 2023; SHER-CENSOR e MIZRACHI-ZINMAN, 2021). No entanto, tais abordagens tendem a privilegiar formas de apoio presencial. No caso do WMI, esse suporte é simultaneamente digital e situado, estendendo-se para além do ambiente online e materializando-se em práticas concretas de cuidado. A experiência de Manu ilustra essa dinâmica:

> Meu filho é autista, e em determinada altura, eu buscava trabalho e eu havia me separado do meu ex-marido, e não tinha com quem deixá-lo. Eu comentei com as meninas. Resultado: houve uma mobilização, de modo que fui para a entrevista de trabalho, e a A.P. cuidou dele para mim enquanto eu estava fora. Não teria conseguido o trabalho se não tivesse ocorrido esse suporte. (Manu, trecho da entrevista)

Situações como essa indicam que o apoio mobilizado no grupo envolve ações diretas que operam nas lacunas deixadas pela ausência da família, pela insuficiência de políticas públicas e pelas dificuldades de inserção social em contexto migratório. Contudo, também revelam seu caráter contingente, dependente da disponibilidade e das condições concretas das próprias participantes, que nem sempre conseguem mobilizar esse tipo de apoio. Essa rede de suporte estrutura-se a partir de um repertório amplo de trocas, que inclui desde indicações de profissionais e partilha de experiências sobre o sistema de saúde até a circulação de bens materiais, como roupas e objetos infantis. Beta sintetiza:

> Sempre tem uma mulher que passou por aquilo, que sabe (ajudar). Desde remédio que usava no Brasil, até indicação de profissional, pedido de carrinho para o bebê, e desabafos. Tem uma palavra de afeto, de acolhimento, de empatia no grupo. É o que eu sinto, o grupo é minha rede de apoio. (Beta, trecho da entrevista)

Nesse sentido, o grupo configura-se como um lugar ampliado de trocas afetivas e materiais, operando como um "circuito solidário" (FERREIRA, 2024) no qual diferentes formas de cuidado são continuamente mobilizadas. As trocas que nele ocorrem cobrem um espectro que vai desde indicações de médicos, desabafos sobre a burocracia portuguesa, reclamações sobre a alimentação nas escolas e

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

creches, xenofobia pela qual os filhos e elas mesmas estão expostas, até doações de roupas e outros objetos de bebê e de casa (Figura 3).

Figura 3: Doação de objetos para bebês

Fonte: Mensagem do Grupo WhatsApp Mãe Imigrante.

A profundidade afetiva dessas interações revela-se na maneira como as participantes nomeiam o WMI. Beta sustenta que *"é uma família que a gente constrói aqui"* expressando uma dimensão central da experiência migratória: a necessidade de reconstrução de vínculos de pertencimento em contextos marcados pela distância. A ideia de "família escolhida" aponta para formas de sociabilidade que produzem novas configurações relacionais. Contudo, essa ideia não deve obscurecer as tensões e limites dessas relações, que são atravessadas por diferenças de trajetória, recursos e níveis de engajamento entre as participantes.

No caso dessas mães, essas negociações também se expressam na forma como a solidariedade é percebida e vivida. Lalá, por exemplo, descreve sua participação no grupo como uma "descoberta da solidariedade", associando-a diretamente à experiência migratória e à necessidade de conexão com outras mulheres que compartilham trajetórias e referências culturais semelhantes. Sua fala sugere que a solidariedade no grupo é uma prática situada, produzida na interação e intensificada pela condição migrante:

> Aqui, com esse grupo, foi a primeira vez na vida que eu de fato entendi o que era a solidariedade. No Brasil eu não via isso. A questão da imigração com certeza explica isso. A falta que a gente sente de uma conexão com pessoas da mesma bagagem cultural, e que entendam o que a gente está passando, porque o processo migratório, de uma forma geral, é um processo muito difícil. (Lalá, trecho da entrevista)

Os relatos das nossas interlocutoras sinalizam que o grupo opera nas dimensões social, econômica, cultural e emocional, mobilizando formas de redistribuição material e simbólica que transformam vulnerabilidade em ação coletiva (Figura 4). Nesse sentido, as práticas observadas no grupo ultrapassam a lógica da ajuda pontual, configurando-se como formas de sociabilidade sustentadas por uma economia afetiva baseada na reciprocidade, no reconhecimento e na circulação de recursos.

Figura 4: Interação entre as mães

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Fonte: Fonte: Mensagem do Grupo WhatsApp Mãe Imigrante

A partilha de experiências, como no caso das discussões sobre o "salto dos 4 meses", produz acolhimento e segurança. Trata-se de um cuidado que se constrói na circulação de saberes situados, afetos e vivências, transformando ansiedade individual em compreensão compartilhada. Essas trocas revelam como a dimensão informacional e a dimensão afetiva são indissociáveis no grupo: ao informar, as mães também cuidam; ao partilhar experiências, também produzem pertencimento.

Neves (2022) sugere que a maternidade em situação de migração implica uma transformação contínua da identidade, atravessada por questões de pertencimento, cidadania e inserção social. No caso das Mães Imigrantes, essa transformação é produzida coletivamente, por meio de práticas de apoio mútuo que não apenas respondem a vulnerabilidades, mas constituem, no cotidiano, formas compartilhadas de viver, cuidar e pertencer.

6. Cultura nas Pequenas Práticas

Em diálogo com uma literatura que tem enfatizado a dimensão cotidiana da cultura em contextos migratórios, buscamos apontar como, no caso das mães do WMI, a brasilidade se atualiza sobretudo nas pequenas práticas do dia a dia. No grupo, a partilha de dicas de alimentação para o bebê, a circulação de expressões regionais ou a evocação de alimentos como o brigadeiro, a cultura ganha densidade e se torna operativa na produção de pertencimento.

Hall (2016) argumenta que o significado não reside nas coisas em si, mas é produzido a partir dos modos como as utilizamos, representamos e incorporamos em nossas práticas. Essa perspectiva permite compreender como objetos, linguagens e hábitos cotidianos se tornam suportes de construção de sentido e pertencimento no contexto migratório. É nesse registro que se inscrevem as narrativas das interlocutoras. Beta afirma:

> Quando a gente está nesse grupo, a gente consegue ser o que somos. [...] Eu posso usar uma expressão que é bem da minha região brasileira e as pessoas vão entender, vão rir, vão comentar. A comida também. A gente vai numa festa (de portugueses), tem lá o pastelzinho de nata, mas não tem brigadeiro, não tem coxinha, não tem bolinho de queijo. Quando a gente se reúne num piquenique entre brasileiras, vão trazer alimentos, forma de falar também, né. (Beta, trecho da entrevista)

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Esse relato demonstra que o WMI funciona como um espaço de reconhecimento cultural, no qual práticas aparentemente banais adquirem centralidade na produção de pertencimento. Essa dimensão também se manifesta nos encontros presenciais, como no piquenique, onde a chegada de alimentos trazidos do Brasil mobiliza expectativas e afetos compartilhados. A presença da paçoca, de um tamborim ou o do brigadeiro não apenas remetem ao Brasil, mas ativa memórias, vínculos e formas de estar em comum.

A cultura emerge como prática situada e relacional, fundamental para a sustentação das identidades dessas mulheres enquanto sujeitos migrantes, mães e brasileiras. Longe do Brasil, a brasilidade deixa de ser um dado naturalizado e passa a ser continuamente produzida, cuidada e transmitida. Como observa Beta, a experiência migratória intensifica essa relação:

> A gente valoriza mais a cultura brasileira quando está fora do Brasil. É uma coisa meio maluca assim. Minha filha agora toca numa roda de samba, por exemplo. E eu não gostava de samba como eu gosto hoje. Muito mais, estando fora do Brasil. (Beta, trecho da entrevista)

Essa reconfiguração indica que a cultura não é apenas preservada, mas ressignificada no contexto da mobilidade. No caso de Beta, a valorização do samba, intensificada após a migração, não se reduz a uma preferência estética, mas expressa uma reapropriação afetiva e identitária. À luz de Ahmed (2010), essa afirmação cultural pode ser compreendida como um gesto que desloca as normas que regulam quem pode sentir, expressar-se e pertencer.

A fala de Duda reforça o caráter processual e não planejado da cultura no grupo, ao destacar que sua circulação ocorre de forma espontânea, sem necessariamente constituir um projeto consciente de preservação:

> Em relação aos aspectos culturais, como a culinária, a música, as expressões culturais, eu vejo uma preocupação (das mães) em não deixar passar, em apresentar isso. Mas eu acho que isso vem de uma forma espontânea. Ela não é pensada, não é uma busca assim. (Duda, trecho da entrevista)

Essa espontaneidade é reveladora de um aspecto central do transnacionalismo vivido: ele não se organiza como estratégia deliberada, mas como forma de existência que articula, de maneira fluida, referências de múltiplos contextos (MADIANOU e MILLER, 2011; SILVA 2019a). Nesse sentido, as falas de Lalá e Beta demonstram tensões constitutivas da experiência migratória. A resistência é

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

sustentada por Lalá ao declarar não querer "perder sua latinidade" e por Beta no campo da linguagem, ao reivindicar o sotaque como expressão de identidade. Essas posições sugerem formas de pertencimento que não se organizam em termos excludentes entre "aqui" e "lá", mas que se constroem de maneira simultânea e situada, no entrelaçamento de diferentes referências culturais (BRAH, 2011).

A manutenção dos vínculos com o Brasil também se realiza por meio de práticas mediadas digitalmente, como as videochamadas frequentes com familiares. Como relata Beta, *"a videochamada tem sido a maior alternativa pra estar em contato com a família brasileira"*. Tais práticas materializam o transnacionalismo vivido ao permitir a continuidade das relações afetivas à distância, evidenciando que a mobilidade não rompe vínculos, mas os reorganiza em novas condições. (DIMINESCU, 2008; SILVA, 2019a)

Longe de se restringir a um marcador identitário estático, a cultura constitui-se como prática cotidiana, relacional e situada, por meio da qual essas mulheres produzem pertencimento, negociam identidades e e constroem sentidos de pertença que conectam experiências vividas entre Brasil e Portugal (Silva, 2024). Mas, nem todas mobilizam essas referências culturais da mesma forma, sugerindo que a produção de pertencimento se dá de maneira assimétrica e situada, refletindo as distintas trajetórias, recursos e posições sociais das integrantes do grupo.

Conclusão

Diminescu (2008) argumenta que a mobilidade contemporânea reorganiza os vínculos por meio de infraestruturas digitais que tornam as redes de pertencimento portáveis. Os dados evidenciam, contudo, que essa portabilidade não constitui uma propriedade inerente das tecnologias, mas um processo socialmente situado e relacionalmente produzido, que se concretiza nas práticas ordinárias de cuidado, apoio mútuo e construção de pertenças em contexto migratório.

No entanto, essas redes não constituem espaços homogéneos de solidariedade. Elas são moldadas por formas de sociabilidade historicamente constituídas, assentes na confiança, na reciprocidade e na proximidade simbólica que marcam a experiência migratória brasileira (FUSCO, 2005; SILVA, 2019b), mas também por desigualdades de tempo, recursos, disponibilidade e reconhecimento (SILVA, 2019a). Nesse contexto, os afetos circulam e orientam aproximações e distanciamentos, alinhando sujeitos e coletividades (AHMED, 2004). Ao mesmo tempo, produzem fronteiras morais

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

de pertença, definem quem pode aceder ao apoio coletivo e contribuem para a formação de hierarquias e exclusões subtis no interior da rede (DADALTO et al, 2024).

Entendemos o WMI como uma infraestrutura afetiva de cuidado inserida em ecologias mais amplas de sociabilidade migrante. O que está em jogo não é apenas a portabilidade dos vínculos, mas a produção cotidiana de formas de capital social digital através das quais confiança, reciprocidade e afetos são mobilizados, negociados e convertidos em apoio concreto. Nesse sentido, as interações mediadas não substituem as relações presenciais; antes, prolongam-nas, reconfiguram-nas e ampliam suas possibilidades de atuação, conectando diferentes escalas de pertencimento e suporte em contextos de mobilidade (SILVA et al., 2025).

Essas dinâmicas inserem-se em processos mais amplos de plataformização da vida, nos quais o cuidado e os afetos são cada vez mais organizados por infraestruturas digitais. Longe de representarem apenas novas possibilidades de conexão, tais arranjos revelam um deslocamento da responsabilidade pela gestão das vulnerabilidades para as próprias migrantes e suas redes relacionais. Nesse sentido, as práticas de apoio observadas constituem simultaneamente formas de resistência cotidiana e respostas parciais à retração ou insuficiência das estruturas institucionais de acolhimento, proteção e bem-estar. As redes digitais emergem, assim, como espaços de suporte indispensáveis, mas também como evidência das desigualdades e ausências que tornam esse suporte necessário.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PARA A INTEGRAÇÃO, MIGRAÇÕES E ASILO (AIMA). **Dados estatísticos**. Disponível em: http://www.aima.gov.pt. Acesso em: 27 mar. 2026.

AHMED, Sara. Affective economies. **Social Text**, v. 22, n. 2, p. 117-139, 2004.

AHMED, Sara. **The promise of happiness**. Durham: Duke University Press, 2010.

ASSIS, Gláucia O.; SIQUEIRA, Suely. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre "a mulher brasileira". **Cadernos Pagu**, n. 63, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449202100630006.

BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura. Locating transnational care circulation in migration and family studies. In: BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura (org.). **Transnational families, migration and the circulation of care**. London: Routledge, 2013.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

BASCH, Linda. et al. **Nations unbound**: transnational projects, post-colonial predicaments, and deterritorialized nation-states. Langhorne: Gordon and Breach, 1994.

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora**: identidades en cuestión. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

CALVO, Adriana. et al. Virtual ethnography of female migrants: a WhatsApp group as a support tool during their migration process. **Journal of International Migration and Integration**, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s12134-023-01088-8.

DADALTO, M. C. et al. "Noi Siamo La Storia": Uma "comunidade" italiana no WhatsApp? **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 81, p. 166-196, 2024. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p166-196

DIMINESCU, Dana. The connected migrant: an epistemological manifesto. **Social Science Information**, v. 47, n. 4, p. 565-579, 2008. DOI: https://doi.org/10.1177/0539018408096447.

EMIRBAYER, Mustafa; MISCHE, Ann. What is agency? **American Journal of Sociology**, v. 103, n. 4, p. 962-1023, 1998. DOI: https://doi.org/10.1086/231294.

FARIA, Marina D.; PORTUGAL, Sílvia. Migração, gênero e maternidade: narrativas autobiográficas de mulheres que emigraram do Brasil. **Ex æquo**, n. 47, p. 205-222, 2023. DOI: https://doi.org/10.22355/exaequo.2023.47.14.

FERREIRA, Lina P. Circuitos de solidariedade: construindo respostas coletivas em meio à crise. **Sociologia & Antropologia**, v. 14, n. 2, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/2238-38752024v1423.

FLORIDI, Luciano (org.). **The onlife manifesto**: being human in a hyperconnected era. Cham: Springer, 2015.

FRANÇA, Thais; OLIVEIRA, Stefanie P. Mulheres brasileiras imigrantes como estraga-prazeres: revelando racismo no "amigável" Portugal. **Cadernos Pagu**, n. 63, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449202100630006.

FUSCO, Wilson. **Capital cordial**: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. 2005. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

KOFMAN, Eleonore. Gendered migrations, social reproduction and the household in Europe. **Dialectical Anthropology**, v. 38, n. 1, p. 79-94, 2014.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. Mobile phone parenting: reconfiguring relationships between Filipina migrant mothers and their left-behind children. **New Media & Society**, v. 13, n. 3, p. 457-470, 2011.

MALHEIROS, Jorge M.. **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

NEVES, Joana. Becoming a migrant mother: an intersectional approach to the narratives of Cape Verdean women in Portugal. **Social Sciences**, v. 11, n. 55, 2022. DOI: https://doi.org/10.3390/socsci11020055.

OLIVEIRA, Catarina R. **Indicadores de integração de imigrantes**: relatório estatístico anual 2020. Lisboa: Observatório das Migrações, 2020.

PINK, Sarah et al. **Digital ethnography**: principles and practice. London: Sage, 2016.

POSTILL, John; PINK, Sarah. Social media ethnography: the digital researcher in a messy web. **Media International Australia**, n. 145, p. 123-134, 2012. DOI: https://doi.org/10.1177/1329878X1214500114.

SHER-CENSOR, Efrate; MIZRACHI-ZINMAN, Arava. Mothers' narratives on their immigration experiences. **Journal of Research on Adolescence**, v. 31, n. 2, p. 351-367, 2021. DOI: https://doi.org/10.1111/jora.12601.

SILVA, Adélia V. Leitura etnográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles. **Tese doutoral**. Universidade de Lisboa. 2019a.

SILVA, Adélia V. Atravessando fronteiras: a dimensão vivida da desterritorialização de brasileiros em Portugal e Estados Unidos da América. **Caminhos de Geografia**, v. 20, n. 72 p. 386–401. 2019b. DOI: https://doi.org/10.14393/RCG207246464.

SILVA, Adelia V. et al. Vidas interrompidas e futuros suspensos: experiências de estudantes brasileiros em Portugal durante a pandemia Covid-19. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 32, p. e321837, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-85852503880003203

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8974, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8974
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

SILVA, A. V. et al. Narrativas conectadas: explorando a migração brasileira indocumentada on-line e off-line. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"**, 18(1). 2025. DOI: https://doi.org/10.14393/RCG207246464.

SOUSA, Helena et al. Migration, motherhood, and maternal health: Brazilian women's encounters with the Portuguese healthcare system. **Social Sciences**, v. 15, n. 6, 2026. DOI: https://doi.org/10.3390/socsci1510006.

VEAZEY, Laura W. **Migrant mothers in the digital age**: emotion and belonging in migrant maternal online communities. London: Routledge, 2021.

Artigo submetido em 27/04/2026, aceito em 14/06/2026 e publicado em 10/07/2026.

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.